

HOMELAND

O terrorismo e a paranoia

Alexandre Costa Lima *



(Foto: Divulgação)

Homeland é um dos maiores sucessos da televisão americana e é ganhadora de vários prêmios por direção, atores e roteiro. No Brasil, já lançaram a primeira e a segunda temporadas em DVD; além disso, você pode assisti-las pela Netflix, alugá-la em locadoras, ou pagar para baixá-la em sites brasileiros ou americanos. Vale a pena!

A história é muito interessante: a agente especial Carrie Mathison (Claire Danes) é punida por participar de uma operação secreta desastrosa no Afeganistão, mas, antes de voltar aos Estados Unidos, recebe a

informação incompleta de que um prisioneiro de guerra norte-americano converteu-se ao lado inimigo. Logo em seguida, uma operação das Forças Delta libera o Sargento Nicholas Brodie (Damian Lewis), há sete anos dado como morto pelo governo dos Estados Unidos, mas, na verdade, mantido como prisioneiro por Abu Nazir, um dos líderes da Al-Qaeda. Brodie retorna à pátria e cumpre o destino de todos os que retornam em situação semelhante: vira herói instantaneamente!

A única pessoa que desconfia dele é Carrie, que pede os recursos necessários à Agência para montar



Detalhe do World Trade Center depois do ataque terrorista de 11 de setembro de 2001

(Foto: U.S. Air Force/Tech Sgt. Mark C. Olsen, 177th Fighter-Wing Public Affairs / Fotos Públicas (14/09/2001))

um sistema de espionagem para investigá-lo, mas não encontra apoio em David Estes (Rupert Friend), chefe do Departamento de Contra Terrorismo da CIA. “Não se pode desconfiar de um herói nacional!” é a resposta do chefe. Ela, então, pede ajuda ao seu colega Saul Berenson e este lhe fornece o equipamento e a equipe. Depois de sete anos desaparecido, Brodie reencontra sua bela mulher Jessica (a atriz brasileira Morena Baccarin) e os seus dois filhos, agora adolescentes. A vida de sua família está muito mudada e ele desconfia que Jessica - a suposta viúva - teve um caso com um capitão da Marinha. Mas as coisas vão se acomodando e a vida da família Brodie parece ter voltado ao normal, depois da volta do sargento.

A agente Carrie ocultamente monta um sistema de filmagem e

de escuta por toda a casa de Brodie e fica obcecada por obter provas da traição do sargento. Dia e noite, ela e sua equipe vigiam o suspeito, ouvem as conversas da família e filmam até mesmo a intimidade do casal. Todos os indícios apontam para a completa inocência de Brodie, mas Carrie é tomada por uma desconfiança paranoica que não lhe permite descansar um só minuto nessa missão de desmascarar o novo herói nacional. Ela teme que ele esteja planejando outro ataque terrorista devastador, aproveitando-se da fama de herói e do acesso às autoridades americanas. Certamente, há algo de desproporcional no temor da agente Carrie em relação ao poder destrutivo de Brodie, um suposto traidor solitário contra o desmesurado poder do império americano.

Certamente, não faria sentido adiantar aqui os segredos da trama, mas a temática do terrorismo pós-11/09 serve para aprofundar a reflexão sobre o terrorismo como um fenômeno político e militar que desafia não apenas as categorias tradicionais de interpretação, mas também as estruturas tradicionais da democracia.

Mas como definir uma guerra? Normalmente, ela é vista como o conflito armado concreto, intencional e generalizado entre comunidades políticas externas. Ela também pode existir internamente (a guerra civil) e pode existir como grupos de pressão (associação de pessoas com um propósito político), como é o caso das organizações terroristas que desejam a expulsão de invasores ou a criação de Estados independentes. A doutrina da guerra justa, discutida



desde Santo Agostinho, no sec. IV d.C., exige que ao menos seis condições sejam atendidas para que haja o jus ad bellum (o direito a declarar a guerra): a causa justa, a intenção correta, a autoridade adequada juntamente com a declaração pública de guerra, o esgotamento de todas as alternativas pacíficas de solução do conflito, a probabilidade de sucesso e a proporcionalidade meios/fins. Na filosofia da guerra justa, existe ainda o *jus in bellum* (a conduta durante a guerra) e o *jus post bellum* (as consequências da guerra).

O terrorismo vem a ser o uso da violência contra pessoas e/ou instituições para intimidar ou coagir governos e populações civis com vistas a obter ganhos políticos diversos. Aqui surge uma questão essencial: o terror sempre traz à tona a doutrina do duplo efeito ou dos danos colaterais, o que implica justificar e praticar uma ação que cause sérios danos - a morte de seres humanos ou a destruição de bens públicos ou privados - como sendo o efeito colateral de se promover alguma finalidade boa (a vitória da fé, a expulsão de imperialistas ou a implantação da democracia). Mas não apenas os terroristas admitem e justificam a doutrina do duplo efeito: eles estão na companhia de George Bush no Iraque e no Afeganistão, os governantes de Israel na Faixa de Gaza, Vladimir Putin na Ucrânia, Bashar al-Assad na Síria, entre outros.

Ao instilar o medo generalizado numa sociedade e dissipar a sensação de segurança que deve acompanhar a vida do cidadão comum em situações de paz, o terrorismo acredita que a violência transforma o horizonte político em algo favorável aos seus desígnios. Ademais, o terror carece de um caráter oficial

– em geral, seus seguidores não são agentes estatais e comumente alegam interpretar e concretizar a revolta de certas populações contra o domínio imperial de alguns países. Na Rússia do sec. XIX, por

“Ao instilar o medo generalizado numa sociedade e dissipar a sensação de segurança que deve acompanhar a vida do cidadão comum em situações de paz, o terrorismo acredita que a violência transforma o horizonte político em algo favorável aos seus desígnios”

exemplo, os anarquistas adotaram o terror como uma forma de publicidade para as suas ideias. No sec. XX, temos os exemplos da Frente Nacional de Libertação da Argélia, o Sean Fein irlandês, o Baader Meinhof alemão e o terrorismo de esquerda latino-americano. Finalmente, temos o terrorismo de caráter religioso, cujos adeptos pensam travar uma guerra santa sem fim, politizando a fé.

As ações terroristas não são precedidas de nenhuma declaração formal de guerra e seus combatentes não vestem uniformes específicos, justamente para evitar o reconhecimento e poder praticar ações imprevisíveis e ultraviolentas. Um delinquente comum pode negar a autoria do ato delituoso (um roubo a banco ou um latrocínio, por exemplo), mas não pode justificá-lo. Um terrorista, ao contrário, apresenta-se

como um delinquente político, na medida em que assume a autoria do delito e pensa poder justificá-lo com razões políticas.

Algumas vezes, nenhum grupo terrorista assume a autoria de um atentado, criando-se a figura paradoxal da “ação sem autor”. Um ato violento cujo responsável mantém-se no anonimato, encoberto pelo mais denso segredo, é exatamente uma ação antípoda da verdadeira ação política, porque a conduta de não prestar contas dos seus atos fora do círculo de partidários, recusar-se a aceitar as diferenças, e jamais colocar-se no lugar do outro significa recusar radicalmente a linguagem plural que humaniza o homem, como bem mostrou Aristóteles.

Com base nesses aspectos, os governos democráticos insistem em considerar os terroristas delinquentes comuns, recusando-lhes o status de combatentes, com a consequente negação dos direitos de guerra previstos nos vários tratados internacionais. Obviamente, essa redução tem consequências políticas muito importantes, porque nega aos grupos terroristas qualquer legitimidade, perpetuando-se o clima de violência e de insegurança.

Retornando à série Homeland, acrescento apenas que a sua trama contempla ainda paixões, traições amorosas, corrupção política e hipocrisia. Há um clima de suspense muito inteligente e que evita o maniqueísmo fácil. Talvez você até possa analisar algumas das condutas dos personagens da série com a ajuda dos conceitos acima. ■

* Doutorando em Filosofia, pela Universidade de Buenos Aires (Argentina). Mestre em Filosofia, pela Universidade de Sussex (Inglaterra) e também pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor da Faculdade ASCES